



**CHACINA
NO RIO DE JANEIRO**

Manifesto do PPRI

A chacina no Rio de Janeiro expõe a real face terrorista do estado burguês e o conteúdo de classe da guerra às drogas imperialista que se desfecha sobre toda América Latina

A burguesia é responsável não apenas pela barbárie, como pelo florescimento dos negócios criminosos que afundam a juventude oprimida desempregada no crime!

Combater a barbárie capitalista com as reivindicações que de fato defendem a vida de todos os oprimidos pelo capitalismo, sob a estratégia proletária!

 Na terça-feira passada, 28 de outubro, aconteceu um massacre no Rio de Janeiro, considerada a maior chacina da história no estado e do país, superando a chacina de Carandiru.

A barbárie desatada em nome do combate ao narcotráfico foi uma amostra do real conteúdo social e político da "Guerra às drogas" ditada pelo imperialismo, e aplicada a sangue e fogo pelas burguesias e governos semicolonais. Guerra que é travada especialmente contra a população pobre miserável, cuja esmagadora maioria é negra, vítima do desemprego e da perda de toda perspectiva de melhoria das condições de vida no capitalismo. Os negócios criminosos da burguesia crescem, à medida que decresce a possibilidade de obtenção de valorização do capital apenas por meio da exploração do trabalho assalariado.

As organizações criminosas são conhecidas apenas pelas notícias das contínuas mortes. Os grandes capitalistas, por cima delas, que

moram nos condomínios de luxo, não são tocados e vivem e enriquecem impunemente em meio à podridão do regime. Participam de uma forma ou outra na logística (transporte de grandes quantidades, distribuição em grande escala etc.), e que aliás têm capital para realizar a compra de grandes quantidades de produtos (armas, drogas etc.) e para garantir sua distribuição em escala nacional para sua venda posterior. Em meio aos grandes negócios aparecem os intermediários, desde fiscais até vendedores.

Os contrabandistas e criminosos têm até mesmo suas bancadas parlamentares, volta e meia denunciadas por terem apreendidas cargas de drogas em seus aviões. Dessa aliança perversa se alimenta ainda grande parte dos deputados da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, seja com facções como o CV ou de seus inimigos, seja com as milícias. Facções que prosperam graças aos políticos e policiais que os protegem e criam condi-

ções de imunidade para estender seus mercados de consumo para serviços imobiliários, energia, gás, internet e qualquer serviço que o estado nega às populações faveladas. Assim, cria-se também um mercado à força de ameaças, terror e mortes.

A burguesia cria a barbárie, empurra ao desemprego, destrói os serviços essenciais para a população e fornece, sobretudo, condições sociais e econômicas para os negócios narcotraficantes e quando a barbárie por ela mesma criada, explode em seu rosto, recorre às chacinas e os massacres. Mas, continua criando as condições para os grupos criminosos seguir operando e lucrando. Esse ciclo se retroalimenta com a luta entre facções pelo controle dos mercados consumidores, o que se reflete nas disputas intestinas ao interior do estado e nos massacres "seletivos" dessa ou aquela facção.

Ressalta assim toda a hipocrisia da farsa da luta contra as drogas orquestrada pela burguesia que

convive junto do narcotráfico às sombras do poder político, e que, diuturnamente, massacra os expulsos do trabalho e das mais elementares condições de vida, e que, em última instância, servem de peões à burguesia narcotraficante e seus associados nos bancos e empresas para se enriquecerem.

Os governos estaduais do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia etc. glorificam a violência reacionária porque se subordinam à política imperialista de listar as facções narcotraficantes como "terroristas". Não é por acaso que a "Operação Contenção" e a "Operação Verão" da baixada santista, de 2023, são uma mesma política de estado em que a burguesia e seus agentes políticos - como no Equador, no Peru e em El Salvador - seguem a orientação imperialista de transformar as próprias mazelas produzidas pelo regime capitalista em putrefação, como justificativa para militarizar a sociedade e, sobretudo, as favelas, cortiços e bairros onde florescem as chagas do crime organizado.

Isso é o que cala a mídia burguesa que é cúmplice da política terrorista do estado, que destaca a morte de 4 policiais, mas cala a boca pelas mortes de mais de 120 "suspeitos" narcotraficantes no Complexo da Penha, dos quais mais de 70 morreram com as mãos atadas ou tiros na cabeça. O próprio governador disse que as únicas fatalidades foram os mesmos 4 policiais, entre eles 2 do infame e terrorista BOPE, que assassinam dezenas a cada ano impunemente, enquanto se refere à morte de mais de 130 como resultados da mais "exitosa" operação policial da história.

É próprio dos serviços da burguesia chorar lastimosamente pela

morte de seus cães de guarda com licença para matar sem justificativa, assim como choramingam pelo direito de Israel a se "autodefender", enquanto desprecia a vida dos jovens que foram jogados para fora do sistema por não poderem ser inseridos na produção social, sem direito à saúde e educação, e que são empurrados à marginalidade pelo mesmo estado burguês que os assassina. Há um fio condutor nessa atitude criminosa: o genocídio palestino e o terrorismo de estado praticado contra as organizações criminosas na América Latina são engrenagens nos negócios da venda de armas, tecnologia e instrumentos de vigilância e morte. Isso explica ainda porque o terrorismo é um rótulo que se coloca aos que se revoltam contra a miséria, a opressão e a fome como daqueles que afundam no mundo do crime.

Nesse sentido, as chacinas - com as devidas proporções - poderia ser caracterizada de um dos contornos bárbaros da surda guerra civil travada pela burguesia contra os explorados e oprimidos, particularmente, contra um setor dos oprimidos que impedidos de sobreviver vendendo sua força de trabalho são arrastados a reproduzir suas miseráveis condições de vida como soldados e sócios menores da venda das drogas. Sem dúvida nenhuma, quem mais sofre com essa situação é a população assalariada que mora nas comunidades, vítimas da violência policial e de guerra entre gangues, e a juventude em geral, que tem parte dela, sem perspectivas de estudo ou trabalho, e assim recrutada pelas facções; e a maioria, que tem suas vidas destruídas pelo consumo de drogas.

Será enterrando o capitalismo pela revolução proletária que as

próprias bases do crime e seus negócios serão varridos da história. Imediatamente, trata-se de defender as massas da barbárie lutando pelas reivindicações que as colocam em combate contra os capitalistas (legais e ilegais) e seus governos. A luta pelo fim da PM e a luta contra o genocídio na Palestina se chocam contra a mesma classe, e semelhantes interesses econômicos. A unificação das lutas e das bandeiras está plenamente colocada pela realidade objetiva. Se deve exigir das organizações de massas, os sindicatos e centrais, que convoquem atos e manifestações contra os massacres da PM, e que convoquem assembleias para organizar uma luta nacional e a greve para defender as reivindicações comuns das massas, que a mobilizem em choque contra a burguesia (legal e ilegal), sob um plano de luta unificado.

O maior problema colocado é que, estando ausente sua direção revolucionária, as massas são incapazes de se mobilizar pelo programa que de fato as colocará em choque contra o estado policial e, na base de sua auto-organização, se defenderem da violência reacionária erguendo os métodos da ação direta e da violência revolucionária. Construir sua direção revolucionária, marxista-leninista-trotskista, é a via para dar passos firmes para superar todas as chagas do capitalismo putrefato e, assim, defender as massas de afundarem ainda mais na barbárie. Somente destruindo o capitalismo e colocando toda a riqueza criada pelas massas assalariadas a seu dispor é possível combater e erradicar o crime como meio de vida para centenas de milhares que hoje preenchem as fileiras do crime. ●

Abaixo o terrorismo de estado! Fora as polícias assassinas das comunidades! Fim da PM!

Salário mínimo vital (suficiente para sustentar uma família de 4 pessoas) à todos os assalariados, reajustado de acordo com a inflação real! Emprego a todos! Fim das demissões! Estabilidade no emprego! Redução da jornada e escala móvel das horas de trabalho, de forma a que todos tenham trabalho! Escola e emprego à toda juventude! 4 horas na escola, 4 horas no trabalho e o restante para o descanso e lazer.

Por um Tribunal Popular surgido da luta revolucionária do proletariado para punir a burguesia e seus agentes políticos por seus crimes de classe, e seu cão de guarda, as polícias assassinas!